

Organização
CITCEM/FLUP

Comissão organizadora
Carla Sequeira
Joana Lencart

Entrada Livre
www.citcem.org

As Oficinas de Investigação do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As Oficinas de Investigação do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

OIC

— 2025
2026 —

CITCEM'S RESEARCH
WORKSHOPS

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM

— 19-02-2026 — S7 — 14H30 —

FLUP —

SALA HUMANITIES LAB
(PISO 0, JUNTO À BIBLIOTECA CENTRAL)

FRONTEIRAS CURATORIAIS: INVESTIGAÇÕES SOBRE PROCESSOS E METODOLOGIAS NA CURADORIA CONTEMPORÂNEA

PROPONENTE DA SESSÃO: MICHELLE DONA



FRONTEIRAS CURATORIAIS: INVESTIGAÇÕES SOBRE PROCESSOS E METODOLOGIAS NA CURADORIA CONTEMPORÂNEA

PROPONENTE DE SESSÃO: MICHELLE DONA

ORADORES: BEATRIZ DUARTE, GABRIELA CARVALHO, MARTA BRANCO GUERREIRO, MICHELLE DONA
MODERADORES: ANA RITO (U.COIMBRA); EDUARDA NEVES (ESAP)

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

BEATRIZ DUARTE é arquiteta, urbanista, curadora e investigadora, doutoranda em Educação Artística no i2ADS-FBAUP, com bolsa da FCT, e integrante do grupo Extreme Sites (CEAA-ESAP). Mestre em Curadoria e Museologia (UPorto) e licenciada em Arquitetura e Urbanismo (UFMG). Sua pesquisa investiga práticas espaciais críticas em diálogo com artistas, explorando formas de escuta, escrita e fabulação para mediar memórias, ruínas e heranças contemporâneas em disputa, ativando metodologias situadas e processos experimentais.

Curadoria de heranças contemporâneas: metodologias situadas entre rastros e fabulações

Esta comunicação apresenta uma prática curatorial situada, desenvolvida em colaboração com artistas em espaços urbanos desindustrializados e sítios arqueológicos. A partir de práticas de campo, os projetos ativam heranças latentes, resíduos materiais e memórias ruderaias, elaborando metodologias baseadas em escuta, escrita e fabulação. A curadoria opera aqui como investigação enraizada no espaço (Moreira, 2014), gesto de cuidado (Krasny & Perry, 2023) e atenção aos processos de ruína e transformação como formas de memória material (DeSilvey, 2017). Tensionando narrativas normativas de herança, propõe modos críticos de mediar o passado e imaginar outras presenças para os lugares.

GABRIELA CARVALHO. Pesquisadora, curadora e escritora. Doutoranda em Artes Plásticas no i2ADS/FBAUP(bolsa FCT), onde se dedica ao estudo das monoculturas relacionado com aspragas e ervas daninhas na perspectiva do Plantationceno como meio para uma atuação crítica no campo das artes e da ciência. Em 2023, realizou residência no CIEG/UNAM (México). Mestre em Artes pela UEMG (2018) e bacharel pela UFMG (2012). Atua como curadora desde 2011. Publicou poesia e prosa em antologias como VOLTA para tua terra (Urutau, 2021/22) e Epistolária (Urutau, 2022).

CORTADERIA SELLOANA: Histórias de resistência entre terras perturbadas

A comunicação emerge do encontro entre a pesquisadora e a planta Cortaderia selloana, ambas sul-

americanas, hoje consideradas espécies invasoras em Portugal. A partir de perspectivas multiespécies e feminista decolonial, propõe-se a Epistemologia das Pragas como um modo de atuar e refletir sobre resistências em contextos marcados pela colonialidade do conhecimento. Inspirando-se em autoras como Haraway, Tsing, Galindo, Kilomba e Anzaldúa, investiga-se o papel de saberes híbridos e relações insurgentes entre espécies como forma de desafiar normas, fronteiras e instituições, abrindo espaço para a emergência de novos imaginários sociais, em alianças entre humanas e mais-que-humanas.

MARTA BRANCO GUERREIRO nasceu em Lisboa em frente ao Museu do Chiado, sobre o qual viria a fazer a tese de Mestrado. Licenciada em História da Arte (NOVA FCSH). Pós-graduada em Gestão Cultural nas Cidades (INDEG/ISCTE), Mestre em Museologia (NOVA FCSH). Doutoranda em História da Arte com tese "O Museu como espaço comum. Pensar além da participação", que analisa projetos de curadoria participativa e de proximidade com as comunidades. Foi bolsista PRODEP no Museu Gulbenkian, trabalhou no Palácio Nacional da Ajuda, no Museu da Marioneta. Atualmente é técnica superior de museologia no Banco de Arte Contemporânea (EGEAC).

A exposição como campo experimental para um museu em comum

A proposta desta apresentação convida a pensar a exposição para além de um dispositivo visual. Intitulada "A exposição como campo experimental para um museu em comum" pretende-se olhar para o espaço expositivo como um recurso em "comum". Partiremos da análise da exposição "Canción para muchos movimientos" que esteve patente no MACBA em 2024 que se propunha como uma "experiência efêmera" reposicionando o museu como ágora: um espaço para habitar em conjunto e nele pesquisar, trabalhar, conversar. Dividida em espaços que se comunicam entre si, como ilhas com relação entre elas, a exposição apresenta resultados de anteriores projetos participativos, exemplos de outros museus e relações com as comunidades. Pretendemos pensar como é que a exposição se pode transformar num território em comum e como há abertura da parte de alguns museus em pensar a programação de forma mais experimental.

MICHELLE DONA é investigadora colaboradora no CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (FLUP), bolsista de doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) a partir da qual desenvolve a investigação com o título "O papel das exposições nas mudanças estruturais e metológicas no museus de arte no século XXI". É licenciada em Artes Visuais (2018) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Estudos de Arte (2022) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) na especialidade Teoria e Crítica de Arte.

Processos em curadoria e tensionamento institucional. O que nos contam os arquivos?

Podemos dizer que os museus de arte contemporânea estão em um processo de transição motivados por uma postura auto reflexiva e crítica sobre suas práticas e processos buscando outras formas de institucionalidades. A comunicação propõe uma reflexão sobre como a curadoria pode contribuir neste processo, convocando reflexões críticas sobre práticas e procedimentos institucionais. Para isso, parte-se de um estudo realizado da documentação relacionada à exposição "de disturbios, lutos y fiestas" realizada no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) em 2019, por pesquisadores do PEI – o Programa de Estudos Independentes – daquele ano, em parceria com a comunidade LGBTQI+ de Barcelona.